

Nesse primeiro número da *DIAPHONÍA* em 2022, a Revista entrevista o Professor Doutor Remi Schorn do Colegiado de Filosofia da UNIOESTE. O periódico, desde já, agradece o aceite do convite pela participação especial nessa edição.

D [*DIAPHONÍA*]

RS [Remi Schorn]

D – O professor poderia reconstituir um pouco sobre sua biografia, formação e o que motivou o interesse pela Filosofia?

RS– Um *xis burger* me levou à Filosofia. É verdade, mas, não toda. Em 1983, eu tinha 20 anos de idade e havia dado baixa da Força Aérea Brasileira, depois de um ano como soldado. Aquele ano concluí o secundário e me dediquei à atividades de militância política e social. No ensino médio, tornamos possível a substituição de uma professora de História que tentava nos convencer de que os Sete Povos das Missões, ou Nações Jesuíticas, haviam acabado por falta de vontade dos índios de trabalhar; segundo ela, essa era uma característica dos indígenas, em geral. Após um movimento dos estudantes, contrataram um professor de História que também trabalhava na universidade. O professor Eliezer Pacheco ampliou o debate sobre as motivações para a supressão dos Sete Povos, vinculando-as aos grandes temas de importância internacional, políticos e econômicos. Foi uma vitória dupla: aprendemos muito do conteúdo e que, organizados, podemos mudar a realidade.

Eu tinha um colega de trabalho no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí que ingressou na Universidade pouco tempo antes de eu definir o que cursar. Estava terminando o Ensino Médio, nas noites que não tinha aula ou que podia faltar ia com o João Frantz à universidade para perambular por lá e conversar com outros amigos que já frequentavam a UNIJUÍ. Em uma dessas noites caminhávamos pelo corredor e me chamou a atenção um professor entusiasmado com um assunto que apresentava para os estudantes. Enquanto caminhava pela sala, ele devorava um *xis burger* e gesticulava ora com a mão esquerda, ora com a direita e ora com as duas mãos, como que para melhor anunciar seus argumentos. Perguntei ao João quem era e parei na frente da porta aberta. A resposta foi: é a minha aula, vamos entrar! Entramos e nos sentamos nos fundos da sala. O Professor Pedrinho Zarth usava uma bombacha urbana de cor clara, alpargatas e uma camisa de mangas curtas, um pouco estampada e bastante gasta pelo uso. Um professor falante e com oratória simples e fascinante. O tema da aula era: a constituição do *status quo* burguês, as suas formas de perpetuação e a necessidade da crítica (se me lembro bem). Ele passou pelo tema da propriedade privada, das relações familiares, do papel da igreja, dos meios de comunicação, da constituição federal, lançou mão de argumentos bíblicos e não falou uma palavra sobre o único filósofo que eu havia lido mais e que, obviamente, merecia

ser mencionado mesmo que somente uma referência ao seu *Manifesto* de 1848. Tratava-se de uma aula de Introdução à Filosofia e eu lembro que entendi que ele não falava de filósofos em aula de Filosofia por defender que estudar filosofia é entender os problemas atuais e buscar elementos de pensamento nos teóricos da história sem submeter o problema a eles; que a especialização mata o teórico e que a defesa dos teóricos só é possível em obituários. Assisti mais algumas aulas em outros cursos e, na sequência, fiz concurso vestibular para ingresso em Filosofia. Antes do final do primeiro semestre havia comprado a coleção completa de 1978/1980 de Os Pensadores, com 64 volumes em quatro caixas, vendidas no saguão do nosso prédio, junto ao DCE. Eu havia decidido o que faria a vida toda.

D – Acerca, agora, de sua trajetória de pesquisa iniciada com a obra de Popper, dentre outros autores. Quais as motivações que o levaram trabalhar tais fontes no contexto mais amplo da Epistemologia?

RS – A minha formação foi eclética. Participei desde a graduação de grupos de estudos sobre Kant e as *Críticas*; a *Ciência da Lógica* de Hegel; a filosofia de Marx: *A Questão Judaica*, *Os Manuscritos*, de 1844; Rorty e *A Filosofia e o Espelho da Natureza*; Hannah Arendt e *As Origens do Totalitarismo*; *Experiência e Vivência* em Benjamim; Heidegger, *Ser e Tempo*; assim que me formei fui convidado para ser professor, ministrei muitas aulas de Lógica nos primeiros anos de docência; a Dissertação em Marx, na PUC-RIO, foi seguida de oito anos de maturação acerca da crítica mais fundamentada ao marxismo. O Popper epistemólogo permanecia como uma intuição de relevância desde meus anos de graduação e foi crescendo em importância nessa maturação, cujo guia era a capacidade crítica em relação às teses acadêmicas e Filosofias descoladas de referências objetivas do mundo da vida. Assim surgiram, pela editora UNIJUÍ, em 2001, meus livros *Doutrinas, o Ópio dos Intelectuais* e, em 2003, *Epistemologia e História: de Kant a Popper*. Em 2004, com quatorze anos de docência em Filosofia na UNIJUÍ e oito anos após a dissertação, ingressei no Doutorado, na PUCRS, com novo objeto de pesquisa definido: o problema da verdade do conhecimento no racionalismo crítico. A tese teve como objeto de estudo a concepção de verdade e sua relação com a base empírica. Investiguei a possibilidade de o conhecimento coincidir com seu objeto, tornando as teorias verdadeiras. O racionalismo crítico é o contexto no qual Popper desenvolve esse debate. Na pesquisa, investiguei a transformação da Filosofia popperiana, de uma noção inicial em que sequer aparece a terminologia verdade e falsidade, passando pela aceitação da certeza quanto à falsidade de proposições empíricas, até a relativização de tais conceitos. Apontei o risco de Popper ceder integralmente ao ceticismo e mostrei que o autor lança mão de uma metafísica evolucionária como subsídio para sua Filosofia das Ciências. Evidenciei que Popper foi contraditório ao negar a indução e retomá-la em sua ideia de aproximação da verdade; que foi superficial relativamente à teleológica ideia regulativa da verdade e que foi ingênuo ao conceber a base empírica como

decisiva em um falibilismo restrito. Mostrei que Popper aceitou seus erros e os corrigiu; propôs a verdade e a aproximação da verdade como parâmetros para a crítica e; aceitou que a apreensão teórica do mundo só é possível por representações na linguagem. Conclui que, com tal procedimento, Popper venceu o positivismo e as teses antiliberais, substituindo a meta de fundamentação pela ideia de crítica. Considero que seu instrumental conceitual pós-positivista permite a interpretação da ciência como altamente dinâmica, complexa e criativa, em um universo cujas contradições teóricas são inevitáveis e o pluralismo conjectural permite desvendar a realidade de forma mais abrangente.

Esse trabalho constituiu minha maturidade intelectual e um gratificante objeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido desde então, com desdobramentos dos problemas de forma a permitir que, aliado a muitas visões do campo da Epistemologia e às críticas e reconstruções do sistema de referência, caminho em direção à uma concepção própria e autônoma de Filosofia.

Há muitas tendências filosóficas e me parece que é responsabilidade do pesquisador formatar um sistema filosófico que dialogue a partir de uma cosmovisão com as mais variadas dimensões da existência teórica, em concepções que se complementam e se vinculam sistemicamente. A epistemologia de Popper e sua Filosofia como um todo me permitiram compreender e construir essa necessária articulação em um projeto intelectual que julgo relevante.

15

D – Quais outros projetos teóricos futuros o professor tem em vista?

RS – Acho que o desafio de todo teórico da Filosofia é construir sua própria Filosofia. Com maior ou menor número de páginas escritas, devemos buscar aquele lugar a partir do qual nada nos escapa, nada nos seja estranho na Filosofia, nas artes, na literatura, nos elementos constitutivos do mundo ou mesmo nos processos técnicos que alteram esse mundo. Buscar compreender o mundo em projetos cada vez mais articulados e interrelacionados com seus distintos e variados aspectos é algo que me move e que, entendo assim, produz liberdade e felicidade efetivamente humana. Ao humano ousado e responsável não há barreira que não possa ser vencida e o primeiro passo é sempre a humildade intelectual e a ousadia crítica. Se Cronos permitir, espero continuar avançando.

D – O senhor trabalhou na UNIJUÍ, antes de chegar à UNIOESTE. Como avalia essa experiência acadêmica e no que ela, muito especialmente, tem agregado nessa construção de passagem a outra vivência?

RS – A UNIJUÍ definiu meu DNA teórico. Uma universidade de tradição em atividades de extensão com os mais variados segmentos da sociedade e cujo debate filosófico fundante da instituição é muito semelhante ao da UNIOESTE. A congregação dos Franciscanos criou a UNIJUÍ e depois a passou para a comunidade

leiga que a ampliou imensamente, sem perder o compromisso inicial de produção de conhecimento para apropriação da comunidade local e regional. Trabalhar por vinte anos nos cursos de graduação da UNIJUÍ foi um mergulho completo nesse universo de relação entre avanço do conhecimento acadêmico e o compromisso com a melhoria de vida de todas as pessoas do planeta.

A UNIOESTE permitiu o desabrochar de uma concepção teórica que se sabe incompleta e que, entretanto, busca ampliação e maior densidade.

D – O professor teve uma atuação marcante, decisiva até, em vários projetos concernentes ao Curso de Filosofia aqui da UNIOESTE, mas também do Campus em que, pela segunda vez, assumiu a direção. Que significado histórico-pessoal representa isso para o senhor?

RS – Sou de personalidade participativa e de disposição a expor minhas ideias e argumentar por elas. Concebo todo existente como um estado de coisas acidental, não necessário. A constância é a mudança e nossa obrigação é compreender quais mudanças melhoram e quais pioram a realidade. Precisamos saber que podemos estar errados em tudo ou em parte e que nunca saberemos quanto de verdadeiro defendemos. Com isso, estamos aptos ao debate responsável, ouvindo criticamente e propondo ceticamente, mas observando a objetividade do debate e a racionalidade das propostas. Assim, sustentei minha postura na Graduação e na Pós-graduação em Filosofia, na Pró-reitoria de Extensão e depois na Direção do Campus. Meu histórico de sindicalista me moldou a ver sempre as debilidades dos sistemas de trabalho e me fez sensível a ouvir as demais inteligências envolvidas nas atividades. Administrar é um desafio que compartilho com muitas pessoas, e, felizmente, todas gostaram de compor equipes propositivas e desafiadoras. Em uma instituição pública, laica, de qualidade e democrática como a nossa, devemos ter a consciência de que não devemos fazer nada sozinho. Nossa nomeação como professores de ensino superior na UNIOESTE estabelece compromissos com o ensino, com a pesquisa, com a extensão e com a administração. Considero bastante importante ter atuado nas mais variadas atividades nesses anos iniciais como docente da UNIOESTE e me sinto preparado teórica e praticamente para os desafios futuros em cada uma dessas atividades acadêmicas. Popperianamente sustento que o passado é determinado e que o futuro é indeterminado.

D – Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no ensino médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

RS – Nosso Ensino médio é um problema que merece atenção urgente. Não temos um conjunto de funções claras para esse período de estudos e isso impacta negativamente no ânimo dos jovens e na sua formação como um todo. Acho que a Filosofia poderia e deveria ser a disciplina que constituísse o amálgama entre os mais

variados saberes apresentados, os relacionasse com a arte e a literatura e ajudasse a constituir o cidadão culto. Acho que é para evitar que ela cumpra essa função que seguidamente é atacada e diminuída ou maculada. O tratamento atribuído aos jovens brasileiros é, em grande parte, normatizado por uma lógica que subestima as aptidões e capacidades dos estudantes; isso torna-os e os mantém menores. A aposta está errada, se quisermos humanos afirmados, capazes e livres, devemos desafiá-los com os grandes problemas reais e contemporâneos que estão definindo o seu futuro sobre a Terra. Não devemos buscar os problemas para os quais os filósofos construíram suas teorias como respostas, aqueles problemas já não afetam o presente, uma vez que seu conhecimento é meramente histórico. Devemos ter muito mais Filosofia no ensino médio, entretanto, não qualquer filosofia. Não confundamos Filosofia com História da Filosofia. Essa é uma reflexão para nossos cursos de graduação que formam professores que atuam no ensino médio.

Os gestores do sistema educacional podem pouco, sou cético quanto às suas intenções. No Brasil tivemos uma luta imensa para incluirmos a Filosofia nos currículos escolares e finalmente conseguimos, por conta de governos mais sensíveis. Em período subsequente, a conquista recente foi sendo subvertida e a situação degenerou drasticamente. Os donos do mundo mandam nos políticos que definem os currículos e nossa soberania chora; precisamos reagir.

D – Qual a sua perspectiva para a Filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente em meio a tantos ataques na seara, como um todo, das Humanidades?

RS – Entendo que não há a Filosofia e sim Filosofias, muitas e bastante distintas Filosofias. Isso é positivo para quem, como eu, pensa que devemos refazer os entendimentos majoritários relativamente às formas de ensino da Filosofia. Temos muitos recursos filosóficos para constituirmos com os estudantes uma análise complexa, densa o mais completa possível, complementarmente constituída com recursos teóricos reinventados de forma a serem aptos para as reflexões contemporâneas. Pensar os problemas atuais produz pertencimento aos estudantes de Filosofia no universo teórico acadêmico e permite que outros aspectos das vidas dos estudantes possam ser por eles pensados e, assim, a relevância da atividade filosófica fique manifesta.

A Filosofia não deve ser uma defensora da área das Humanidades; ela precisa ter relevância na articulação reflexiva de todas as áreas do conhecimento e das consequências tecnológicas que o mundo retira do avanço do conhecimento. Igualmente importante é perceber a retroalimentação que a tecnologia permite ao processo de constituição dos saberes. A Filosofia não pode ser instrumentalizada em uma luta por supremacia de determinados saberes; ela precisa permitir que a totalidade dos saberes se vejam representados em seus debates, de tal forma que

criticamente se possa compor uma teia de interdependência orgânica que diga respeito à todas as áreas de conhecimento.

Muito provavelmente, setores importantes do poder em uma sociedade como a brasileira irão continuar atuando para desmerecer a importância da Filosofia, tanto nos currículos quando no debate social e político. Essa é, entretanto, uma questão a ser pautada e refletida para que a sociedade se aproprie dos argumentos que constituem as condições de crítica a essas posturas, em um universo explicativo ampliado que vença a ingenuidade filosoficamente denunciada.

Nosso desafio comum é a defesa da relevância da Filosofia em um mundo em que as pessoas são cada vez mais instadas por mensagens muito rápidas e que não demandam raciocínios complexos. Acredito, contudo, que a agilidade na comunicação e a imediatividade das informações pode e deve ser pauta de reflexão filosófica para que, com a consciência da imensa memória externa ao indivíduo e disponível para consulta à distância de um *clic*, tenhamos cada vez mais entrecruzamentos cognitivos com referências diversificadas. As culturas distintas têm hoje muito mais condições de comunicação e interinfluências do que em qualquer outro período da história da humanidade. Nunca estivemos tão próximos e com tantas condições de diálogo; isso tem permitido debates enriquecidos pela diferença, por formas de crítica e de composição dos discursos que respondem melhor e mais complexamente aos problemas contemporâneos. Esse diálogo, contudo, precisa ser feito com postura objetiva crítica, já que, não é racional crer, e, ser subjetivamente otimista, pois, não podemos abandonar a busca por avanço teórico. Assim, a Filosofia que faremos será cada vez mais relevante.

18

A Revista Diaphonía agradece ao aceite do convite do entrevistado Professor Doutor Remi Schorn, assim como a sua participação conosco nessa primeira edição inédita de 2022.